

**O COMPORTAMENTO DA MÃO-DE-OBRA OCUPADA NO NORDESTE
BRASILEIRO: UMA ANÁLISE PARA OS ANOS DE 1995 E 2003**

**NILSON MACHADO VIEIRA JUNIOR; FRANCISCO CASIMIRO FILHO;
LÚCIA MARIA RAMOS SILVA;**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ

FORTALEZA - CE - BRASIL

casimiro@ufc.br

APRESENTAÇÃO SEM PRESENÇA DE DEBATEDOR

MERCADO DE TRABALHO AGRÍCOLA

**O COMPORTAMENTO DA MÃO-DE-OBRA OCUPADA NO NORDESTE
BRASILEIRO: UMA ANÁLISE PARA OS ANOS DE 1995 E 2003**

O COMPORTAMENTO DA MÃO-DE-OBRA OCUPADA NO NORDESTE BRASILEIRO: UMA ANÁLISE PARA OS ANOS DE 1995 E 2003

RESUMO: O presente trabalho tem como objetivo analisar o comportamento setorial da mão-de-obra ocupada nos estados da região Nordeste do Brasil, nos anos de 1995 e 2003. Utilizando-se medidas de localização e especialização, como o quociente locacional, o coeficiente de especialização e o coeficiente de reestruturação, procurou-se analisar os principais setores da economia, visando determinar aqueles que seriam os mais dinâmicos e ou aquele(s) estado(s) que apresentaram alguma reestruturação setorial. Por meio dos coeficientes de localização e especialização, nota-se que a estrutura produtiva dos estados nordestinos é bastante homogênea, fato que é confirmado pela análise do quociente locacional, que mostrou uma concentração relativa dos setores 1 e 7 (Agrícola e Outras atividades), juntamente com o coeficiente de especialização, que apresentou uma baixa variação entre os estados, com a exceção da Paraíba, que apresentou uma expressiva variação interperíodos. A Bahia, com exceção do setor 1, possui os setores mais dinâmicos da região (2, 3, 4, 5, 6 e 7), o segundo maior coeficiente de especialização e o maior coeficiente de reestruturação, o que indica alguma modificação na composição setorial deste estado

Palavras-Chaves: mão-de-obra ocupada; nordeste brasileiro; setor agrícola; medidas de localização e especialização.

1 INTRODUÇÃO

A questão do emprego no Brasil tornou-se um dos mais importantes temas da discussão econômica nos últimos anos. Por um lado, a evolução dos índices de desemprego no país preocupam não somente os estudiosos do mercado de trabalho, como também as autoridades e os pesquisadores em geral. Esse fenômeno preocupante fez surgir uma agenda de pesquisa, na qual os principais segmentos da sociedade, como sindicatos, acadêmicos, eventuais candidatos, organizações não governamentais, autoridades e imprensa, para citar alguns, têm se esforçado em apresentar algumas soluções visando, se não superar, pelo menos amenizar essa difícil situação.

Há, no Brasil, alguns trabalhos que procuram associar as flutuações do emprego ao produto. Dentre esses trabalhos, Oliveira e Guimarães Neto (1997), ao analisarem o comportamento do emprego e do produto no país nos anos 90, evidenciam que, embora uma queda na produção tenha sido acompanhada de uma redução no número de postos de trabalho, nem sempre o crescimento do produto se faz acompanhar de um aumento do nível de emprego. Os referidos autores levantaram, ainda, a hipótese de que o emprego nas regiões brasileiras segue a mesma tendência do emprego nacional. No entanto, eles sugerem a possibilidade da existência de diferenciais permanentes nas economias dessas regiões que mantêm as diferenças nos índices de emprego. Ou seja, há movimentos comuns entre o emprego das diversas regiões do país, mas cada região apresenta características próprias. Oliveira (1999) testa empiricamente tal hipótese e conclui que, de fato, existe um equilíbrio de longo prazo entre as flutuações do emprego na maioria dos estados brasileiros e o emprego nacional.

O Nordeste brasileiro também tem mostrado a mesma tendência que o Brasil no que se refere ao desemprego. Esta região vem mostrando algumas transformações importantes na sua economia, transformações essas associadas ao crescimento industrial e do setor terciário, principalmente, e ainda ao avanço do setor agropecuário, embora que, neste, de forma mais localizada e em menor intensidade (LIMA e NETO, 1995).

Tais mudanças têm contribuído para acentuar a heterogeneidade da sócio-economia nordestina. Lima e Neto (1995) observam que, na realidade, o que se tem presenciado é a existência de áreas e setores exibindo evidências de dinamismo, até mesmo em conjunturas de crise econômica, coexistindo com outras áreas estagnadas, que não apresentam maiores perspectivas de mudanças, caso não ocorram intervenções reestruturadoras.

Diante do exposto, o presente trabalho tem como objetivo analisar o comportamento setorial da mão-de-obra ocupada nos estados da região Nordeste do Brasil, nos anos de 1995 e 2003.

Além desta introdução, o presente artigo encontra-se assim estruturado: no item dois é apresentada a metodologia utilizada, considerando alguns aspectos conceituais referentes à Economia Regional, bem como os cálculos de alguns indicadores; no item três apresentam-se os resultados e discussão a cerca do comportamento da mão-de-obra ocupada por setores nos estados do Nordeste brasileiro; e, por último, mas não menos importante, são apresentadas algumas considerações finais.

2 METODOLOGIA

2.1 Aspectos Conceituais

O enfoque da Economia Regional é utilizado para a formulação dos padrões regionais do crescimento econômico. Para esta análise são usadas com frequência medidas de localização e de especialização (Wanderley e Sanches, 1997). Estas medidas são de natureza descritiva e utilizados em estudos de natureza exploratória sendo comum usá-las juntamente com outras técnicas de análise (SIMÕES, 2005).

De acordo com Haddad (1989) as medidas de localização¹ são consideradas de natureza setorial e se preocupam com a localização das atividades entre as regiões, ou seja, preocupam identificar padrões de concentração ou de dispersão espacial do emprego setorial, num dado período ou em dois ou mais períodos. A primeira das medidas mencionadas, o Quociente Locacional, pode ser considerada a principal e a mais difundida medida de localização. Esta medida compara a participação percentual de um estado *j*, por exemplo, em um setor *i* com a participação percentual do mesmo estado *j* na economia de referência.

Por outro lado as medidas de natureza regional (especialização²) se concentram na análise da estrutura produtiva de cada região, objetivando investigar o grau de especialização ou de diversificação das economias regionais num dado período ou entre dois ou mais períodos. O Coeficiente de Especialização compara a estrutura produtiva de um estado, por exemplo, com a estrutura produtiva da região à qual tal estado pertença. Desse modo, o Coeficiente de Especialização mede o grau de concentração de um certo estado em relação aos setores de atividade econômica que nele estão implantados. Por sua vez, o Coeficiente de

¹ Pode-se citar como medidas de localização: quociente locacional, coeficiente de localização, coeficiente de associação geográfica e o coeficiente de redistribuição.

² Destacam-se o coeficiente de especialização e o coeficiente de reestruturação.

Reestruturação relaciona a estrutura de emprego em um estado j entre dois períodos, a fim de avaliar o grau de mudança na especialização do estado em questão, por exemplo.

Essas medidas de análise regional são tradicionalmente utilizadas na análise dos tecidos produtivos regionais e em análises econômicas setoriais em nível regional e sub-regional, particularmente na problemática da localização industrial, e têm sido o seu âmbito de aplicação aplicado em análises do tecido social e em níveis de desagregação maiores, especialmente quando se trata de análises do espaço urbano (FERRÃO, 2002).

Pode-se afirmar que a dimensão dos métodos e técnicas de análise regional e urbana cresceu, assim como a maioria dos ramos da economia, de forma exponencial (SIMÕES, 2005).

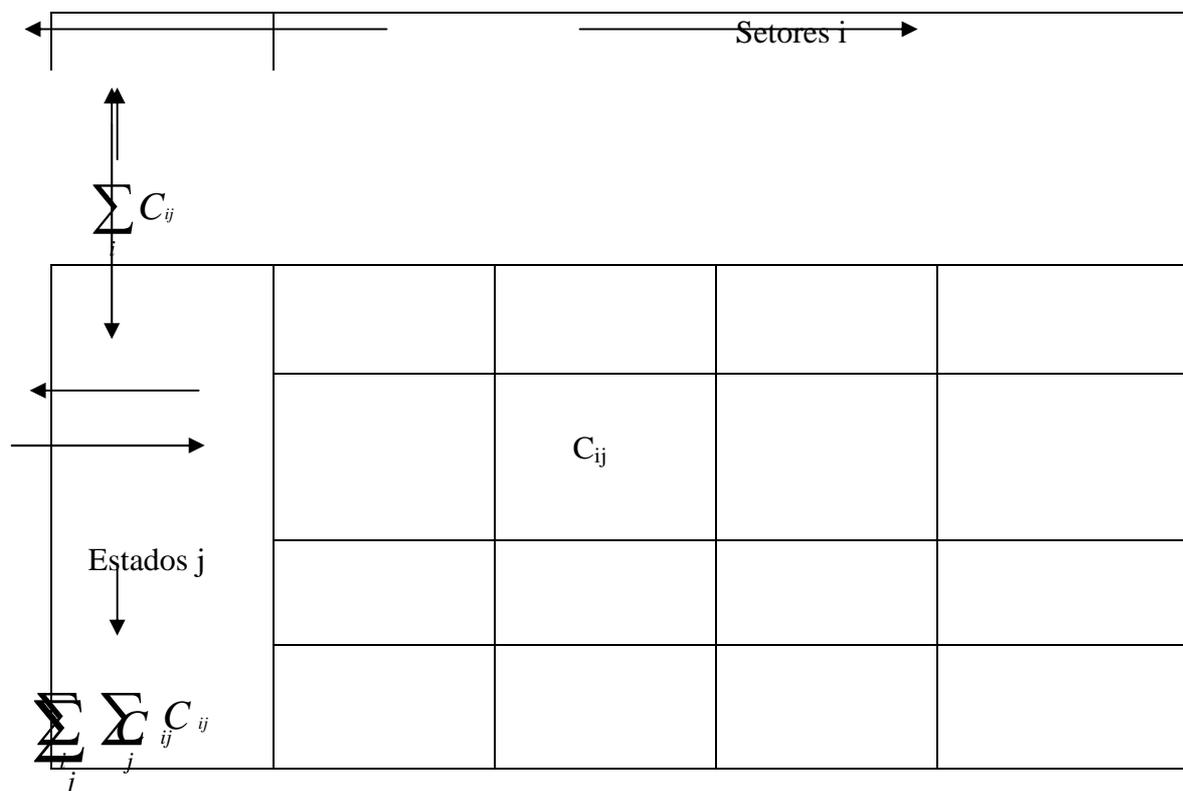
2.2 Métodos de Análise

2.2.1 Medidas de Localização e Especialização

As medidas de localização e especialização indicam, segundo Piacenti e Lima (2002) (apud STAMM et al 2005), o padrão do crescimento econômico de uma região e suas sub-regiões. No presente trabalho, elas proporcionarão um quadro de análise dos estados da região Nordeste, em seus diversos setores de atividade econômica, em relação ao conjunto da referida região.

A fim de se calcular as medidas de especialização e localização, as informações serão organizadas em uma matriz que relaciona a distribuição setorial-espacial da variável-base, a mão-de-obra, na presente pesquisa. As linhas de tal matriz mostram a distribuição da mão-de-obra entre os estados do Nordeste, e as colunas mostram a mão-de-obra por setores de cada um dos estados, de acordo com a Figura 1.

FIGURA 1 – Matriz de informações para análise de dados



Fonte: Haddad (1989)

Em que:

C_{ij} = Mão-de-obra ocupada no setor i do estado j;

$\sum_j C_{ij}$ = Mão-de-obra ocupada no setor i de todos os estados do Nordeste;

$\sum_i C_{ij}$ = Mão-de-obra ocupada em todos os setores do estado j;

$\sum_i \sum_j C_{ij}$ = Mão-de-obra ocupada em todos os setores e todos os estados da região Nordeste.

Partindo-se da matriz de informações dada pela figura 1, são descritas a seguir as medidas de localização e especialização que serão utilizadas no presente artigo:

a) Quociente Locacional – QL: é utilizado para comparar a participação percentual de um determinado estado em um setor em particular com a participação percentual desse mesmo estado no total do emprego da economia regional, ele é expresso pela equação (1). Este quociente locacional pode ser analisado a partir de setores específicos ou no seu conjunto.

$$QL_{ij} = \frac{C_{ij} / \sum_j C_{ij}}{\sum_i C_{ij} / \sum_i \sum_j C_{ij}} \quad (1)$$

Desse modo, a importância do estado j no contexto da região Nordeste, em relação ao setor i, é demonstrada quando QL_{ij} assume valores maiores do que um. Visto ser o quociente medido a partir de informações do número de empregados (C), podem-se verificar aqueles setores que apresentam relativa especialidade no estado de referência.

b) Coeficiente de Especialização – CEsp: esta é uma medida de análise em nível regional e concentra-se na estrutura produtiva de cada estado, fornecendo informações sobre o nível de especialização da economia em um determinado período. É dado pela equação (2).

$$CEsp_j = \frac{\sum_i \left(\frac{C_{ij}}{\sum_i C_{ij}} \right) - \left(\frac{\sum_j C_{ij}}{\sum_i \sum_j C_{ij}} \right)}{2} \quad (2)$$

Através do coeficiente de especialização, compara-se a economia, no que diz respeito a mão-de-obra empregada, de um estado com a economia do Nordeste no seu conjunto. Para resultado igual a 0 (zero), o estado possui composição idêntica à do Nordeste. Por outro lado, coeficiente igual ou próximo de 1 (um) demonstra um elevado grau de especialização ligado a um determinado setor de atividade, ou ainda possui uma estrutura de distribuição totalmente diversa da estrutura de distribuição regional.

c) Coeficiente de Reestruturação – CR: relaciona a estrutura da mão-de-obra por estados entre dois períodos, ano base 0 e ano 1, objetivando verificar o grau de mudança na especialização dos estados que compõem a região Nordeste. Tal coeficiente é expresso pela equação (3):

$$CR = \frac{\sum_i \left(\frac{C_{ij}}{\sum_i C_{ij}} \right)_{T_1} - \left(\frac{C_{ij}}{\sum_i C_{ij}} \right)_{T_0}}{2} \quad (3)$$

Caso este coeficiente seja igual a 0 (zero), isso indica que não ocorreu modificação na estrutura setorial do estado em referência. Sendo igual a 1 (um), o coeficiente demonstra uma certa reestruturação.

2.3 Dados Utilizados

Os dados utilizados no presente artigo são da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) do IBGE, para os anos de 1995 e 2003 (microdados). Esses dados, após a expansão da amostra, representam a totalidade da região Nordeste. A variável-base empregada nas medidas de análise regional foi a mão-de-obra ocupada, de 10 anos ou mais de idade, a qual foi decomposta por setores de atividade. Explica-se a utilização dessa variável pelo dinamismo de seu impacto na economia por setor ao longo do tempo.

Para a expansão da amostra, utilizou-se o método de La Place, uma vez que na PNAD de 1995 não existiam alguns dos indicadores que existem na PNAD de 2003. O método consiste no seguinte: fixa-se um erro de estimação (que no caso em estudo foi de 5%) sob um intervalo de confiança de 98% sobre a curva amostral e em seguida um fator de 10% de erro amostral, que são os mais utilizados em pesquisas sociais.

Com relação à definição dos setores de atividades utilizados no presente trabalho, procedeu-se a uma agregação dos grupos de atividades definidas pela PNAD. Assim, passa-se

a especificar melhor os procedimentos adotados nesta agregação, bem como de compatibilização dos grupos de atividade entre os anos de referência no estudo.

Os setores de atividade na PNAD de 1995 encontram-se do seguinte modo: são discriminadas 167 atividades, que tinham por base o Censo de 1991, que reunidas em 11 Ramos de Atividade, a saber: Agrícola, Indústria de transformação, Indústria da construção, Outras atividades industriais, Comércio de mercadorias, Prestação de serviços, Serviços auxiliares das atividades econômicas, Transporte e comunicação, Social, Administração pública e Outras atividades.

No entanto, a partir do Censo referente ao ano 2000, e na PNAD de 2002, foi adotada, para as ocupações e atividades, a Classificação Nacional de Atividades Econômicas. Nessa classificação foram definidos 13 grupos de atividades, os quais correspondem aos ramos de atividade das pesquisas anteriores. Esses novos grupos são os seguintes: Agrícola, Indústria, Indústria de transformação, Construção, Comércio e reparação, Alojamento e alimentação, Transporte, armazenagem e comunicação, Administração pública, Educação, saúde e serviços sociais, Serviços domésticos, Outros serviços coletivos, sociais e pessoais, Outras atividades, Atividades mal definidas ou não declaradas.

As 167 atividades que existiam antes foram distribuídas entre esses sub-grupos. Para se verificar como foram feitas as correspondências de atividades com a PNAD e o Censo Demográfico de 1991, foi utilizado o documento “CNAE-Domiciliar e correspondência com a CNAE e PNAD”. Adequadas as atividades da PNAD de 1993 à classificação da PNAD de 2002, através deste documento e seguindo metodologia de Kageyama (2004) foram formados sete grupos de atividades que foram utilizados para o estudo, conforme apresentados a seguir:

- 1) Agrícola;
- 2) Indústria (Indústria + Indústria de transformação);
- 3) Construção;
- 4) Comércio e reparação;
- 5) Administração pública, educação, saúde (Administração pública + Educação, saúde e serviços sociais)
- 6) Serviços domésticos;
- 7) Outras atividades (Alojamento e alimentação + Transporte, armazenagem e comunicação + Outros serviços coletivos, sociais e pessoais + Outras atividades + Atividades mal definidas ou não declaradas).

Assim, as análises serão feitas considerando os sete grupos de atividades e os nove estados que compõem a região Nordeste do Brasil.

3 ANÁLISE DOS RESULTADOS

Na tabela 1 são apresentados os resultados do cálculo do indicador de localização referente aos vários setores de atividade. A análise do valor do quociente locacional permite visualizar que estados constituem, ou não, pólos de concentração relativa de cada setor de atividade.

Inicialmente, observa-se que o setor 1 (Agrícola), embora tenha crescido a participação de sua mão-de-obra ocupada entre os dois períodos para MA, PE, RN e SE, não

apresentou importância relativa para os estados do Nordeste, mantendo sua participação inalterada para AL, CE, PB e PI e até mesmo decrescendo para a Bahia. No entanto, o valor para este setor nos estados da região demonstra que o setor agrícola apresenta uma tendência de crescimento de sua importância relativa para todos os estados, com exceção da Bahia, que mostrou uma queda da importância relativa do setor agrícola.

TABELA 1 – Quociente locacional por setor e por estado analisado – 1995 e 2003

Estados	Setores Analisados													
	1		2		3		4		5		6		7	
	1995	2003	1995	2003	1995	2003	1995	2003	1995	2003	1995	2003	1995	2003
Alagoas	1,00	1,00	1,00	0,99	1,00	0,99	0,99	0,99	1,00	0,99	0,99	0,99	1,00	1,00
Bahia	1,00	0,96	0,99	1,02	0,99	1,02	0,99	1,02	0,99	1,02	1,00	1,02	0,99	1,01
Ceará	1,00	1,00	1,00	0,99	1,00	0,99	1,00	0,99	0,99	0,99	0,99	0,99	1,01	1,01
Maranhão	0,99	1,00	0,99	0,99	1,00	0,99	1,00	0,99	1,00	0,99	0,99	0,99	1,02	1,01
Paraíba	1,00	1,00	0,99	0,99	0,99	0,99	1,00	0,99	1,00	0,99	1,01	1,01	0,92	0,92
Pernambuco	0,99	1,00	1,00	0,99	0,99	0,99	1,00	0,99	0,99	0,99	0,99	0,99	1,01	1,00
Piauí	1,00	1,00	1,00	0,99	1,00	0,99	0,99	0,99	0,99	0,99	0,99	0,99	1,01	1,00
Rio Grande do Norte	0,99	1,00	0,99	0,99	0,99	0,99	1,00	0,99	0,99	0,99	0,99	0,99	1,00	1,00
Sergipe	0,99	1,00	1,00	0,99	0,99	0,99	1,00	0,99	0,99	0,99	0,99	0,99	1,00	1,00

Fonte: Resultados da Pesquisa

O setor 2 (Indústria + Indústria de transformação) apresentou um maior dinamismo somente para o estado da Bahia, demonstrando que o referido estado possui uma importância relativa maior, nesse setor, no contexto regional, do que em termos gerais de todos os setores. Tal fato pode ser explicado pelo volume de investimentos que ocorreram ali nos últimos anos: a reestruturação do Pólo Petroquímico, a inauguração do complexo automotivo da Ford, os investimentos da Aracruz e a instalação da Monsanto. Além disso, de 1992 a 2000, a indústria cresceu 24%. Outro fenômeno significativo foi o surgimento de novos segmentos industriais, com investimentos em papel e celulose, calçados, informática, transformação plástica e veículos. (CORREIO DA BAHIA, 27/05/2002).

Verifica-se ainda, que fenômeno semelhante acontece nos setores 3, 4, 5 e 6 (Construção; Comércio e reparação; Administração pública, educação, saúde e serviços sociais e Serviços domésticos, respectivamente) para esse mesmo estado, os quais demonstraram, também, um aumento da importância relativa desses setores, em relação ao geral de todos os setores. Acredita-se que este comportamento seja influenciado pelo comportamento do setor industrial, apresentando, portanto, um efeito em cadeia, ou seja, um setor se desenvolvendo e com isso fazendo com que os outros setores a ele ligado também se desenvolvam.

Com relação aos demais Estados nordestinos, para os mesmos setores mencionados, ocorreu uma pequena queda de sua importância relativa, em Alagoas (setores 3 e 5), Ceará (setores 3 e 4), Maranhão (setores 3, 4 e 5), Paraíba (setores 4 e 5), Pernambuco (setor 4), Piauí (setor 3), Rio Grande do Norte (setor 4) e Sergipe (setor 4).

O setor 7 (Outras atividades) apresenta-se como relativamente importante no contexto regional, apesar de ter tido uma pequena queda de sua importância relativa para Maranhão, Pernambuco e Piauí. Também nesse setor destaca-se a Bahia, que apresentou um aumento da importância relativa desse setor.

A tabela 2, a seguir, apresenta os coeficientes de especialização. Observa-se que, mesmo apresentando um grau de especialização baixo, todos os estados da região apresentaram um certo grau de aumento de especialização de sua estrutura produtiva, com Bahia, Ceará, Maranhão, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte e Sergipe, cujos índices aumentaram. A única exceção foi de Alagoas, cujo índice caiu, de 0,0020 para 0,0018. Deve-se destacar em especial o estado da Paraíba, o qual apresentou uma expressiva especialização de sua estrutura produtiva em relação aos demais estados nordestinos. Tal fato pode estar ligado à dinamização do setor agrícola do referido estado, que concentra um grande número da mão-de-obra ocupada, bem como a possíveis investimentos realizados ali nos demais setores de atividade econômica. Deve-se notar que, embora os valores sejam próximos de zero, eles mostram que os estados do Nordeste apresentam, no período em foco, um aumento da especialização relativa de suas economias.

Tabela 2 – Coeficiente de especialização por estado – 1995 e 2003

Estados	Índice	
	1995	2003
Alagoas	0,002	0,0018
Bahia	0,0001	0,0124
Ceará	0,0007	0,0024
Maranhão	0,001	0,0027
Paraíba	0,0032	0,5029
Pernambuco	0,0004	0,0021
Piauí	0,0005	0,0021
Rio Grande do Norte	0,0002	0,0019
Sergipe	0,0002	0,0019

Fonte: Resultado da Pesquisa

A tabela 3 a seguir mostra o Coeficiente de Reestruturação, cujo objetivo é o de verificar o grau de mudança na especialização dos estados que compõem a região Nordeste. Nota-se que apenas o estado da Bahia apresentou uma certa mudança estrutural relativa; este estado apresentou o maior índice no período analisado (1995 e 2003). Os demais estados mostraram valores bastante reduzidos, o que demonstra que eles não apresentaram mudanças estruturais relativas significantes, embora possam ter ocorridos algumas mudanças, como uma certa concentração no setor agrícola nos estados da região, conforme pode-se verificar ao analisar a tabela 1. Tal fato pode estar diretamente relacionado a expansão do agronegócio, em particular à fruticultura irrigada voltada para a exportação.

TABELA 3 – Coeficiente de reestruturação por estado – 1995 e 2003

Estados	Índice
Alagoas	0,0000007
Bahia	0,014254
Ceará	0,0000006
Maranhão	0,0000008
Paraíba	0,0000008
Pernambuco	0,0000009
Piauí	0,0000006
Rio Grande do Norte	0,0000005
Sergipe	0,0000005

Fonte: Resultado da Pesquisa

Em suma, pode-se afirmar que os setores 1 e 7 mostram uma certa concentração para os estados da região Nordeste, mas, com exceção da Bahia, os estados não apresentaram modificações na sua estrutura setorial que fossem significativas.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir de um instrumental de análise regional, foi analisado o desempenho dos estados nordestinos naquilo que se refere aos setores de atividade, procurando-se detectar aqueles setores mais dinâmicos e as mudanças ocorridas no período analisado, considerando como variável base a mão-de-obra empregada nestes setores.

Por meio dos coeficientes de localização e especialização, nota-se que a estrutura produtiva dos estados nordestinos é bastante homogênea, fato que é confirmado pela análise do quociente locacional, que mostrou uma concentração relativa dos setores 1 e 7 (Agrícola e Outras atividades), juntamente com o coeficiente de especialização, que apresentou uma baixa variação entre os estados, com a exceção da Paraíba, que apresentou uma expressiva variação interperíodos. A Bahia, com exceção do setor 1, possui os setores mais dinâmicos da região (2, 3, 4, 5, 6 e 7), o segundo maior coeficiente de especialização e o maior coeficiente de reestruturação, o que indica alguma modificação na composição setorial deste estado.

O Nordeste tem apresentado algumas áreas dinâmicas que têm assumido proporções crescentes no cenário econômico regional. Tais áreas poderão contribuir para alterar a realidade econômica dessa região pelo menos em alguns de seus subespaços. Lima (1994) já chama a atenção para fenômenos em andamento em subespaços dinâmicos do Nordeste, os quais são merecedores de uma reavaliação em seus efeitos de encadeamento. Essas áreas são o Complexo Petroquímico de Camaçari, as zonas agroindustriais de Petrolina/Juazeiro do submédio São Francisco e dos cerrados do Oeste da Bahia, o pólo têxtil/confecções de Fortaleza e o pólo mineiro-metalúrgico Carajás-São Luis. Além dessas "frentes", o autor também coloca a existência de ocorrências mais recentes de expansão, em dimensões menores, em outras regiões como o Agreste pernambucano (confecções e pecuária), agricultura de grãos do Sul do Piauí e do Maranhão, bem como a fruticultura no Rio Grande do Norte (Vale do Açu).

Uma última observação cabe aqui. As medidas de localização e especialização podem ser bastante úteis em uma fase exploratória dos estudos regionais para estabelecer padrões locacionais e tendências de mudança nestes padrões. No entanto, elas não são adequadas para identificar os fatores que produziram aqueles padrões, nem mesmo para explicar as variáveis que estejam afetando as mudanças observadas. (HADDAD, 1989).

5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAMARGO, F. S. de e GUILHOTO, J. J. M. Caracterização do pessoal ocupado na agropecuária ao longo da década de 1990. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ECONOMIA E SOCIOLOGIA RURAL, 43., Ribeirão Preto, SP, 2005. *Anais...* Brasília: SOBER, 2005. CD-ROM.

COSTA, L. M.; MAIA, M. de F. R. **Caracterização Setorial da Mesorregião de Montes Claros via Método de Análise Diferencial – Estrutural e Quociente Locacional Considerando-se os Efeitos da Abertura Econômica**. UNIMONTES CIENTÍFICA, Montes Claros, v. 3, nº 3, jun./2002.

COSTANZI, R. N. **Evolução do emprego formal no Brasil (1985-2003) e implicações para as políticas públicas de geração de emprego e renda**. Brasília: IPEA, 2004. 32 p. (Texto para discussão, 1039).

FERRÃO, J. (coord.). **As Regiões Metropolitanas Portuguesas no Contexto Ibérico, Direção Geral do Ordenamento do Território e Desenvolvimento Urbano (DGOTDU)**, Coleção Estudos, nº 5, Lisboa e Vale do Tejo 2002.

HADDAD, J. H. Medidas de localização e especialização. In: HADDAD, J. H. (Org.). **Economia regional: teorias e métodos de análise**. Fortaleza: BNB/ETIENE, 1989a, P. 225-247. 694 p.

HADDAD, J. H.; ANDRADE, T. A. Método de análise diferencial-estrutural. In: HADDAD, J. H. (Org.). **Economia regional: teorias e métodos de análise**. Fortaleza: BNB/ETIENE, 1989, p. 256-268.

KAGEYAMA, A. Mudanças no trabalho rural no Brasil, 1992-2002. **Agricultura em São Paulo**, São Paulo, v. 51, n. 2, p. 71-84, 2004.

LIMA, J.P.; NETO, L.G. Nordeste: Tendências de Emprego Formal e Informal e Indicações de Políticas. **Revista Econômica do Nordeste**, Fortaleza, v. 26, nº 4, p. 377-400, out./dez. 1995.

LIMA, P. Economia do Nordeste: tendências recentes das áreas dinâmicas. **Análise Econômica**, ano 12, p. 55-73, março e setembro/94.

OLIVEIRA, C. W.; CRUZ, B. de O. **Desigualdades Regionais E Elasticidade de Longo Prazo do Emprego nos Estados do Nordeste com Relação ao Emprego Nacional**. Brasília: IPEA, 2000. 27 pp (Texto para discussão nº 704).

Potência industrial. Disponível em: <http://www.correiodabahia.com.br/2002/05/27/noticia.asp?link=not000054248.xml>. Acesso em 31/03/2006.

SILVA, César. R. L. da; Uma tentativa de avaliação das possibilidades de geração de emprego da agricultura brasileira. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ECONOMIA E SOCIOLOGIA RURAL, 37., Foz do Iguaçu, PR, 1999. **Anais...** Brasília: SOBER, 1999. CD-ROM.

SIMÕES, R.F. **Métodos de análise regional e urbana: diagnóstico aplicado ao planejamento**. Belo Horizonte: UFMG/Cedeplar, 2005. 31 p. (Texto para discussão n. 259).

STAMM, C.; MENDES JÚNIOR, A. P. e SHIKIDA, P. F. A. Emprego: uma análise regional nos municípios canavieiros do estado do Paraná – 1991 e 2000. In:

CONGRESSO BRASILEIRO DE ECONOMIA E SOCIOLOGIA RURAL, 43.,
Ribeirão Preto, SP, 2005. **Anais...** Brasília: SOBER, 2005. CD-ROM.